

José Machado Pais, Clara Carvalho e Neusa Mendes de Gusmão (orgs.)
O Visual e o Quotidiano
Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2008

Produto final do Seminário organizado pelo Instituto de Ciências Sociais (ICS) em Maio de 2006 com o mesmo título, o livro *O Visual e o Quotidiano* reúne oito das intervenções apresentadas naquele encontro. Divididos em igual número pelas duas partes do volume – “A fotografia, o quotidiano e a cidade” e “Tradições, representações e experiências” – os textos compõem uma colecção de artigos muito eclética em termos de estilo e abordagem adoptada relativamente ao foco recorrente da imagem visual. Tal facto – inerente, até certo ponto, ao sentido de livro colectivo do qual não há grande tradição em Portugal – é um dos pontos fortes da obra pelo que permite de variedade nos tópicos cobertos. Das muitas visualidades focadas, no capítulo de abertura, José de Souza Martins aborda a fotografia enquanto meio de estudo sociológico concretizando, de forma teórica e empiricamente sustentada, a desmistificação da imagem fotográfica como “congelamento” do representado e, enquanto tal, documento da vida quotidiana. Pelo contrário, tais imagens terão interesse sociológico pelo que ocultam ou contêm de representação social e esta transparecerá somente no caso da fotografia estética ou intencional, por oposição à flagrante apenas capaz de documentar o ocasional. De grande consistência didáctica, o texto de Margarida Medeiros equaciona a história da fotografia ultrapassando Foucault em termos de referência crítica e correspondente visão da imagem fotográfica sobretudo como veículo de poder e ideologia. Cruzando o sucesso oitocentista da fotografia, quer com o contexto positivista, quer com a nova noção emergente de sujeito, surge explicitado o papel estruturante da fotografia também enquanto resposta ao sentimento nostálgico da nova psicologia e do self no século XIX.

Enquanto os dois capítulos anteriormente referenciados, ainda que de modo diverso, debatem a forma como a fotografia pode servir de suporte a representações do quotidiano, o artigo de Carles Feixa e Laura Porzio desloca o seu foco para a utilização de imagens visuais como suporte de investigação sobre o quotidiano. Relativo à cidade de Barcelona, o texto propõe um “itinerário fotográfico” que documenta estilos e cenários de tribos urbanas da cidade defendendo o procedimento de comparar fotografias seleccionadas sobre essas culturas juvenis com os discursos dos próprios sujeitos em diálogo com as narrativas do diário de campo. Retomando algumas reflexões teóricas sobre as relações entre etnografia e fotografia, os autores propõem uma primeira apresentação

visual das culturas juvenis da cidade catalã. A I Parte do volume abriga ainda um pequeno texto de Maria do Carmo Serén escrito na forma de um comentário bastante pessoal sobre a fotografia e a cidade, desta enquanto espaço fragmentado e daquela enquanto virtualmente sujeita a manipulação.

No seu conjunto, os quatro artigos apresentam-se como amplamente capazes de suscitar uma reflexão multifacetada sobre o carácter representacional da fotografia e sobre a necessidade de desconstrução analítica de qualquer abordagem mais ingénuas sobre o carácter factual ou mimético das imagens visuais. Em contrapartida deve ser apontada a lacuna significativa de apenas a imagem fotográfica ser equacionada enquanto representação visual sendo notória, nomeadamente, a falta do filme etnográfico.

Os dois capítulos iniciais da II Parte corporizam uma deslocação de foco para a análise de imagens visuais surgindo a sua própria produção considerada enquanto objecto de reflexão. O texto de João Leal analisa as relações entre a imagem e a antropologia portuguesa no período de 1870 a 1970, fazendo surgir o desenho, a fotografia e o filme etnográficos produzidos no quadro da disciplina, eles próprios, como objecto de análise. Fornecendo um consistente e útil levantamento da história da antropologia em Portugal, para cada um dos quatro períodos identificados do seu desenvolvimento ficam demonstradas as correspondentes formas diferenciadas de trabalhar e utilizar a imagem o que, entre outros factores, aparece relacionado com os diferentes temas da cultura popular predominantemente abordados. No seu artigo, Clara Carvalho procede à análise de três arquivos fotográficos produzidos pelas instâncias coloniais portuguesas sobre o então território da Guiné. Perscrutando essa iconografia enquanto corporização de representações de género surge explicitada a relação entre a mudança nas figuras representadas e os diferentes contornos da dominação colonial ao longo do tempo. Sendo as imagens usadas como meio para essencializar a percepção do Outro e insinuar diferenças intelectuais e físicas, é demonstrado tanto o desempenho das colecções fotográficas enquanto auxiliares do projecto de “ocupação científica da Guiné” quanto o seu papel na sublimação do inatingível controle e posse daquela colónia.

Colocado no final do volume, o texto de Nuno Porto explora o papel da visualidade na experiência transformativa do sujeito ocorrida no processo de visita à instituição museológica e suas exposições. Extravassando o confinamento da questão da representação visual à mediação fotográfica ou fílmica, aqui é a mediação visual proporcionada pelos objectos no espaço do museu que é objecto de reflexão. A exposição

de objectos e sua correlativa ordenação no museu é a enunciação visível de um discurso materializado por esse meio. Através da passagem revista de cinco experimentações museográficas concretizadas no Museu Antropológico da Universidade de Coimbra, nas quais o autor assegurou a concepção das montagens, são discutidas as práticas visuais concretizadas no espaço ritual do museu enquanto possibilidades de experiências formativas dos sujeitos. E a heterogeneidade das abordagens presentes no volume completa-se com o artigo de José da Silva Ribeiro dedicada à explicitação do processo concreto de construção de um projecto de hipermédia produzido a partir do estudo do ritual de coroação de reis Congo no Brasil e em Cuba. Neste caso, num único texto surgem cruzados o tópico do estudo visual da realidade social e o da utilização de meios audiovisuais enquanto suporte de investigação antropológica, bem assim como o do estudo de imagens visuais. Importa dizer que apesar do capítulo acabar por fornecer alguma informação sistematizada sobre noções relativamente novas como hipermédia, multimédia, interface, base de dados ou hiperdocumentos, nele surgem bastante indistintos o exercício pedagógico que se pretende relatar de construção de um sistema de representação hipermédia e o processo analítico que terá rodeado a concretização desse exercício. A consideração das etapas de montagem do produto hipermédia final surge pouco analítica e sobretudo enumerativa, sendo igualmente notória a insuficiente informação etnográfica fornecida já que o leitor que desconheça o ritual dos reis Congo, depois da leitura do texto permanecerá ignorante sobre a questão. Em simultâneo, o carácter “de primeira escrita, exploratória” de uma “investigação ainda não acabada” não justifica as inúmeras incorrecções e lacunas identificadas em relação às respectivas referências bibliográficas.

Apesar de ser excessivo atribuir ao volume *O Visual e o Quotidiano* o rótulo de antologia dado o carácter de primeira compilação que lhe está subjacente e pelo que fica sugerido quanto à necessidade do debate ser ampliado e consolidado, fazendo o balanço do confronto com a colecção dos oito ensaios ele é bastante positivo e sugestivo no sentido de ser capaz de suscitar algumas posteriores linhas de reflexão. O volume podia, contudo, cumprir ainda mais eficazmente a sua função se a Introdução que o inicia fosse capaz de produzir um enquadramento analítico abrangente, mais do que meramente fazer a resenha do processo de realização do Seminário que lhe deu origem. Não só os três organizadores da obra não conseguiram produzir um texto único, cada um procurando por si dar uma visão de como se chegou ao fim do processo, como ainda o conteúdo das três partes da Introdução insiste sobretudo nos desafios inicialmente colocados aos organizadores e participantes do encontro e

ARQUIVOS *da* MEMÓRIA

Antropologia, Arte e Imagem | N.ºs. 5-6 (Nova Série) | 2009

Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa

não nas conquistas e resultados alcançados. A mesma incapacidade de coordenação e supervisão sobressai também ao nível da não uniformidade, entre todos os textos, da modalidade de apresentação das referências bibliográficas.

A temática do visual sustentará certamente muitos outros tratamentos, mas este não deixa de ser um ponto de partida apreciável para o seu debate.

Alice Duarte
Universidade do Porto – Faculdade de Letras